

HISTÓRIA DA ARTE: da pré-história ao século XIII

Tópico 1

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

***Introdução à Arte Visual:
seu surgimento,
características, conceitos
e História.***

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito delas, neste caso, em relação à História. Pode-se dizer que ela é uma das teorias que recorre à memória, ao passado da humanidade. É uma abordagem científica cognitiva que usa a razão, os fatos para construir o conhecimento.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação e sua função é explorar, investigar, buscar o conhecimento no tempo e no espaço. No que diz respeito à História da Arte é uma disciplina acadêmica que busca mediar o conhecimento construído sobre Arte ao longo do tempo, na História, a partir das manifestações artísticas realizadas desde os primeiros tempos.

Portanto, todas as manifestações capazes de serem abordadas como fontes artísticas, ou seja, testemunhos de ocorrências capazes de serem consideradas Arte, em quaisquer períodos, povos, culturas ou lugares podem se tornar objeto de estudo seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais ciências com as quais ela dialoga e convive na construção deste percurso.

É comum, para uso didático, que este conhecimento seja organizado cronologicamente dos tempos primevos para a contemporaneidade, contudo, pode-se inverter esta cronologia, destacar estilos, escolas ou movimentos de acordo com o projeto de ensino usado ou a importância que se queira dar a um ou outro aspecto deste contexto.

Estilo diz respeito à aparência que as Obras de Arte tem e que demonstram sua personalidade. Diz-se que o Estilo de um artista é como sua caligrafia, ou seja, o modo como suas obras revelam suas habilidades, escolhas e personalidade. Um Estilo na História da Arte, revela os modos como determinados grupos humanos, culturas ou civilizações configuram suas imagens, nesse caso não é a personalidade do Artista, mas sim, do conjunto das Obras produzidas num dado período.

Este conjunto de obras de um dado período ou de um grupo de autores de um lugar, região ou época, pode também ser chamado de Escola.

Quando se fala em Movimento Artístico, se refere a um grupo de artistas que se organizaram para se manifestar de uma certa maneira, em geral, marcam isto por meio de Manifestos. Isto foi comum a partir do século XIX, não antes.

Pode-se chamar também de Tendência a uma Escola ou Movimento, quando não se tem ainda uma configuração completa ou bem estruturada do conjunto de Obras.

As manifestações artísticas são também chamadas de Poéticas. Poética vem do grego *poien* e significa fazer, portanto poética é um modo de fazer que pode ser pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia ou audiovisual, entre outras possibilidades expressivas, às vezes também chamadas de Linguagens.

São chamados Gêneros os tipos de manifestações artísticas em uma dada Poética. Na pintura, por exemplo, pode-se encontrar paisagens, retratos, natureza-morta, alegorias e outras tematizações. O Tema é o que se usa para mostrar, narrar ou descrever algo. Temas podem ser tomados do cotidiano como um objeto, uma paisagem ou uma cena histórica, religiosa ou mitológica e o Assunto pode variar em torno deles.

O vários recortes ou abordagens possíveis em torno da Arte são os meios construídos para observá-la, analisa-la e entende-la. Como é mutante, se transforma no tempo e no espaço, os meios e modos de abordá-la também tendem a mudar, por conta de suas mudanças constantes.

A abordagem aqui recorrente é a que destaca suas “Configurações”, ou seja as transformações de sua forma em busca dos conteúdos que as motivaram ou que elas motivam.

Pode-se chamar à estas transformações formais de “Plástica”, a aparência que as manifestações da Arte Visual assumiram e assumem ao longo do tempo. Este é o fator distintivo entre os períodos, autores, movimentos que levam a categorização de estilos que distinguem os modos como cada época e lugar produziram Obras de Arte. Deste modo é possível distinguir um período artístico ou um autor num dado período histórico.

A História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim um recorte definido a partir de método de investigação para conhecer seus sentidos, seus significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras manifestações humanas e todas contribuem para aumentar a compreensão sobre o ser humano e o mundo natural ou social.

Pode-se dizer que Natureza, ou Mundo Natural é tudo aquilo que o cerca e Cultura é tudo que o ser humano fez e faz ou produz para estar no mundo, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais realizadas ou produzidas por ele dizem respeito à Cultura e ao conhecimento como um todo.

Portanto, ao olhar para a Arte é necessário ter em mente que esta produção não se diferencia das demais produções humanas. Embora a Arte seja, na maioria das vezes um recurso simbólico, não quer dizer que seja menos importante do que a produção de bens de consumo, apenas que sua criação, uso ou função também varia de acordo com as necessidades ou os fins com que o ser humano a cria.

O grande engano é entender que as manifestações artísticas são destinadas apenas ao deleite ornamental, ilustrativo, decorativo ou supérfluo. Esta visão é resultante da apropriação materialista que se fez da Arte Visual no contexto capitalista, mas este não é seu o único propósito, sua principal finalidade é a de servir de mediação, diálogo entre os seres humanos na construção de sua identidade.



Quando se olha para as produções humanas do passado quer se descobrir o que, como e porque as realizou, esta é uma das prerrogativas da História.

A abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. No caso dos Cursos de Artes Visuais, as manifestações visuais, as Imagens classificadas como Arte, organizadas por períodos, estilos, escolas e movimentos .

Incluem desde as grafias, incisões, desenhos, pinturas, esculturas também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais meios, ocorrências, proposições que se serviram suportes ou meios para configurar Obras de Arte e realizar interações entre os seres humanos desde os primeiros momentos até hoje.

Para fazer isto os estudiosos delimitam, por exemplo, períodos por meio de marcas culturais e marcam um percurso. Em geral o percurso mais comum é o temporal, ou cronológico. São delimitados acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período e o tomam como pontos para a investigação, descobertas e formulação de teorias, conceitos, leituras e interpretações com vistas à sua compreensão. Assim definem o que comumente se chama de *Linha do Tempo*.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” foi introduzida no século XIX por Augusto Comte e orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali e é uma base ou referência para organizar o percurso de leitura da História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primeiro, ou seja, Pré-histórico e outro posterior: o Histórico.

Pré-história - Idade da Pedra

- Paleolítico 2.5 milhões - 10.000 a.C.
- Mesolítico 13.000 - 9.000 a.C.
- Neolítico 5000 - 3.000 a.C.

Idade dos Metais

- Idade do Cobre 3.300 - 1.200 a.C.
- Idade do Bronze 3.300 - 700 a.C.
- Idade do Ferro 1.200 a.C. - 1.000

História - Idade Antiga

- Antiguidade Oriental 4.000 a.C. - 500 a.C.
- Antiguidade Clássica 800 a.C. - 476
- Antiguidade tardia 300 – 476

Idade Média

- Alta Idade Média 476 - 1000
- Baixa Idade Média Idade Média Plena séc. XI - XIII
- Idade Média Tardia séc. XIV – XV

Idade Moderna 1453 - 1789

Idade Contemporânea 1789 – até hoje

Vários autores e instituições de arte fizeram diferentes representações destas Linhas do Tempo ou “Timelines” para facilitar a leitura cronológica do percurso da arte no mundo. Estas representações podem ser mostradas como gráficos, ideográficos, ideogramas, mapas ou tabelas que mostram percursos ou estágios.

Há vários modelos e recortes. Uma linha do tempo pode priorizar um tipo de manifestação como a pintura, por exemplo, ou as diferentes regiões em que a Arte ocorreu, ou ainda, os períodos em que tais manifestações ocorreram. Enfim, o que se pretende é estabelecer uma linha de raciocínio em torno da compreensão da Arte.

Art timeline

≈ 100,000BC

Early humans in southwest Africa create the first known art, painting animal images onto rocks

≈ 10,000-7,000BC

Pottery art begins to appear in Japan, India, Mesopotamia and Egypt

≈ 15,000-13,000BC

Cave dwellers in Lascaux, France paint colourful animal images (right) onto cave walls



≈ 130-120BC

The Venus de Willendorf is crafted (probably) by Neanderthals of Atterck on the tiny Austrian island of Willan

≈ 2006

Judith Pollock's Number 1, 1948 becomes the most expensive piece of art in history, selling for \$140 million (\$199c)

≈ 1988

British film critic Francis, an independent exhibition of 150 new Old Master paintings, which launches the Young British Artists (YBA) movement. Charles Saatchi, who visits the exhibition, becomes the YBA's biggest sponsor



≈ 1937

Francis paints Guernica

≈ 1984

The Tate Gallery founds the Turner Prize, designed to reward young up-and-coming visual artists

≈ 1945-50

Abstract expressionism, pioneered by Jackson Pollock, Willem de Kooning and Mark Rothko, dominates postwar art and becomes New York's position as the world's artistic capital

≈ 1411-30

Three Flemish artists - Bramante, Leupoldus, Brundelotti, an architect, Masaccio, a painter - reject medieval artistic tradition and taking influences from the classical world, kick off the Italian Renaissance. Brundelotti creates a scientific theory of perspective, adopted by Masaccio and thousands of artists ever since, while Donatello's 'Stirling David' creates the first life-size male sculpture since Roman times

≈ 1432

Jan van Eyck completes his vast, masterful Ghent Altarpiece in the cathedral of Ghent, bringing the Renaissance to northern Europe

≈ 1505

Leonardo da Vinci paints a Florentine merchant's wife, Lisa Gherardini. The portrait later becomes known as the Mona Lisa (Lady Lisa)

≈ 1508-12

Michelangelo paints the ceiling of the Sistine Chapel in the Vatican City



≈ 1584-1702

The Dutch Golden Age, a period in which painters from the Low Countries, such as Rembrandt, Rubens and Vermeer, become known as the greatest in the world



≈ 1848

John Ruskin, Charles Rowntree and William Hunt found the Pre-Raphaelite Brotherhood in Green Street, London. It is an underground society with the aim of reforming British painting, revivifying neo-medieval and early Renaissance styles

≈ 1725

The first Salon de Paris, the official exhibition of the Académie des Beaux-Arts, is held in the Louvre. Over the next 200 years it gains a reputation as the most important annual art event in the world, attracting the finest artists from around the globe

≈ 1897

The National Gallery of British Art (right) opens as NG1897, largely built with the money and art collection of sugar millionaire Henry Tate. It is renamed the Tate Gallery in his honour in 1912



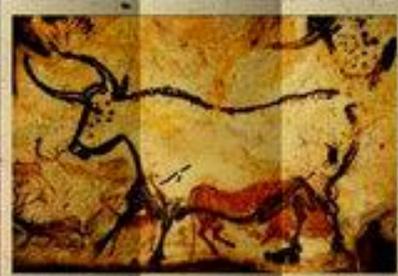
≈ 1824

The British Parliament establishes the National Gallery in two houses on Pall Mall. The press ridicules the modest premises, printing pictures of it alongside the imposing Louvre in Paris. The government moves the gallery to its current grand home on Trafalgar Square in 1828



TIMELINE OF ART HISTORY

1 Pahatan di dinding gua lascaux Prancis adalah sebuah contoh akan terbitnya komunikasi visual / bahasa gambar



1 35000 SM



2 22000 SM



3 Pictogram / Ideogram : symbol untuk menyatakan suatu ide. Ideogram berupa lambang - lambang seperti huruf kamji

3 5000 SM



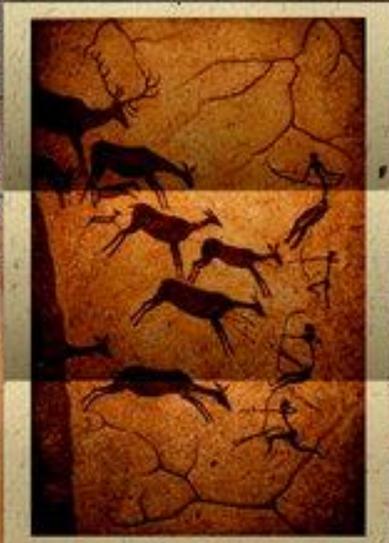
4 tulisan bangsa sumeria di tanah liat

4 4000 SM

5 Sistem Hieroglif Mesir adalah sistem tulisan formal yang digunakan masyarakat Mesir kuno yang terdiri dari kombinasi elemen pictograf dan alfabet. Masyarakat Mesir menggunakan hieroglif kursif untuk sastra keagamaan pada papyrus dan kayu. Variasi formal tulisan yang lebih kecil, yang disebut hieratik dan demotik, secara teknis bukan merupakan hieroglif.



5 3100 SM



6 lukisan di gua 2 oleh manusia pra sejarah



7 Kertas dari daun papyrus di temukan oleh bangsa mesir yang di gulung untuk menjadi "scroll"



8

8 Abjad pertama di ciptakan oleh bangsa fenisia / punisia yang terbitak di Lebanon & Suriah.



8 1000 SM

9 Pictogram berubah menjadi Logographic

9 disempurnakan oleh bangsa Yunani yang menambahkan huruf pertama dan kedua (alpha dan beta) yang menjadi alfabeta

9

9 403 SM



10



10 di China Ts'ai Lun orang pertama yang memulai industri pembuatan kertas

10

10 100 SM

11 Johannes Gensfleisch Gutenberg dari Jerman, mengadopsikan mesin sebuah mesin cetak bergerak tua di Rhine Valley yang diadaptasi oleh teknisi-kisi Romawi menjadi sebuah mesin yang sangat cetak

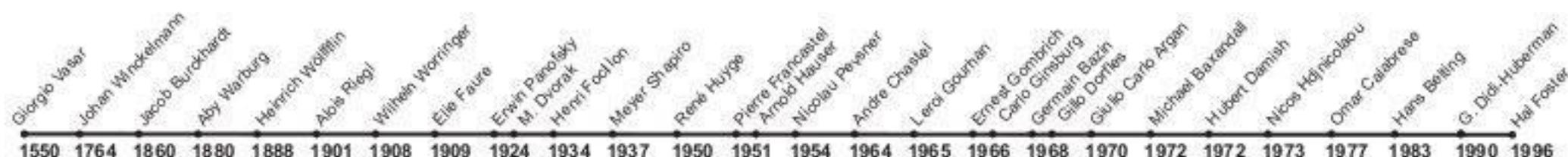


11

11 1450



Cronologia de autores da História da Arte
PPGAV - UFRGS - Prof. Dra. Maria Amélia Bulhões



Giorgio Vasari

1550: Vida de homens ilustres. 1ªed. 2 tomos.
1568: Vida de homens ilustres. 2ªed. 6 tomos.

Johan Winckelmann

1774: História Antiga

Jacob Burkhardt

1860: A cultura do Renascimento Italiano

Aby Warburg

1880:
1999: The Renewal of Pagan Antiquity

Heinrich Wölfflin

1888: Renascimento e Barroco
1915: Conceitos fundamentais de história da arte

Alois Riegl

1901: A indústria artística na baixa antiguidade

Wilhelm Worringer

1908: Estética e Psicologia
1976: A linguagem dos estilos

Elie Faure

1909: História da Arte
1921: O espírito das formas

Erwin Panofsky

1924: A perspectiva como forma simbólica
1945: Significado nas artes visuais

M. Devorak

1924: História da arte como história do espírito

Henri Focillon

1934: Vida das formas

Meyer Shapiro

1937: The Nature of Abstract Art (Ensaio)
1977: Romanesque Art

René Huyghe

1950: História da Arte Contemporânea
1955: Poderes da Imagem

Pierre Francastel

1951: Espaço figurativo do Renascimento
1957: A arte é técnica
1971: Estudos de sociologia da arte

Arnold Hauser

1951: História Social da Literatura e da Arte
1964: Arte Moderna
1974: Sociologia da Arte

Nicolau Pevsner

1954: Pelican History of Art

Andre Chastel

1964: Crise da Renascença

Leroi Gourhan

1965: Pré-História da Arte Ocidental

Ernest Gombrinch

1966: Norma e Forma
1973: História da Arte

Carlo Ginsburg

1966: Estética Medieval

German Bazin

1968: O Barroco
1976: A linguagem dos estilos

Gillo Dorfles

1968: Kitsch

Giulio Carlo Argan

1970: Arte Moderna

Michael Baxandall

1972: O olhar renascente

Hubert Damisch

1972: Teoria das Nuvens

Nicos Hadjnicolaus

1973: A história da arte e a luta de classes

Omar Calabrese

1977: Artes figurativas e linguagem

Hans Belting

1983: O fim da história da arte

Georges Didi-Huberman

1990: Devant l'image

Hal Foster

1996: The Return of the Real

É comum, além da delimitação de períodos, também a seleção de algumas regiões e culturas, especialmente aquelas que influenciaram o desenvolvimento daquilo que se faz em Arte hoje em dia. A tradição Ocidental é uma influência constante nessas abordagens devido as condições colonialistas às quais boa parte do mundo foi submetida.

Portanto, nosso curso é amparado no percurso da Arte, da Pré-história, com aportes sobre o Oriente Médio, Egito e do Ocidente a partir da Grécia, Roma, Europa Medieval, Renascimento Europeu, Barroco, Neo-Clássico, o Modernismo ao Pós-Modernismo tendo como meta a compreensão da Arte Contemporânea.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificou por considerar que o marco para o surgimento da História seria a Escrita, cujos documentos garantiriam o conhecimento sobre os povos e culturas antigas. Tais documentos que seriam então as *fontes primárias* para os estudos historiográficos. Mas tudo é história...

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando da ocupação do Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, levantaram dados sobre o Egito e publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas. Mas a maior conquista sobre esta cultura ocorreu quando, em 1822, Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta que continha inscrições egípcias, demóticas e em grego.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a primeira fase da História propriamente dita, considerada então como História Antiga, ou Antiguidade e se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser o período Medieval que sucede o Antigo e antecede o Moderno, depois o Contemporâneo.

Os marcos históricos servem para recortar ou delimitar o conjunto de ocorrências. Caso contrário poderia ser difícil encontrar fatores de convergência ou relevância que explicassem ou justificassem um determinado período num certo contexto geográfico ou social. Assim os recortes temporais ajudam a compreender as transformações humanas.

Entretanto, nem sempre precisamos usar a temporalidade como referência para os estudos da História, podemos definir outras categorias para selecionar ou agrupar ocorrências que possam nos auxiliar a entender melhor o pensamento ou desenvolvimento humano.

Assim, a lógica temporal pode ser substituída pela lógica social, econômica, conceitual etc.

Na medida em que substituímos a lógica temporal, entram as outras ciências e suas teorias como a Antropologia, Arqueologia, Sociologia, Etnografia, Psicologia, entre outras tantas possibilidades de olhar para o ser humano no seu tempo e conseguir compreender seus comportamentos, condutas e realizações, inclusive da Arte Visual.

Há uma expectativa de que ao olhar para as condutas que ocorreram em outros tempos a ciência é capaz de “prever” comportamentos posteriores. Se por um lado há uma certa lógica nisso, esta coerência não é uma lei ou uma regra absoluta como se espera das ciências naturais, nas ciências humanas há o componente “comportamento humano” que nem sempre é previsível em sua totalidade.

Se, para as ciências naturais pode-se alcançar alto grau de previsibilidade, nas ciências humanas, nem sempre, isto é possível. Cada momento da história humana decorre de fatores intrínsecos àquele momento e que, nem sempre, são replicáveis para outra cultura, outro lugar ou outro tempo. O que é, de certo modo, constante é a índole humana que, enfim, traça regras nas quais o elemento prioritário é o poder sobre o outro...

Dito isto, podemos tentar destacar alguns fatores que contribuam para o entendimento da Arte Visual ao longo do tempo.

Há diferentes teorias que podem auxiliar este entendimento e que dependem de conhecimentos já elaborados ou em elaboração pelos estudiosos deste campo e que se tornam os Conteúdos com os quais lidamos nas disciplinas de História da Arte Visual.

A História da Arte lida, em boa parte, com as transformações que ocorrera na arte desde seu surgimento, tais transformações podem ser chamadas de “Estilo”. O Estilo nada mais é do que a somatória das características formais e conceituais das manifestações artísticas consolidadas numa época, lugar ou cultura, bem como por um ou mais artistas em relação ao conjunto de obras ou período. Um Estilo também representa um conjunto de obras com características comuns. Tais características são usadas para classifica-las e assim estabelecer uma Categoria Estética capaz de identifica-las.

Tais classificações ou categorizações podem ser arbitrarias assim como são as línguas naturais, sentidos e significações. O ser humano usa processos de identificação, classificação e categorizações para facilitar sua ordenação e entendimento.

Uma categoria pode se distinguir de outra por variações formais ou conceituais, portanto, se num dado momento se faz Arte de um modo, em outro pode ser fazer de outro modo sem que a essência artística ou estética seja comprometida. O problema é que quando a Arte muda, nem sempre, os hábitos mudam com a mesma rapidez e a tendência é tentar voltar ao que já se conhece e negar o novo.

Portanto, as manifestações mais respeitadas no contexto ocidental são originárias da cultura greco-romana, matriz conceitual deste estilo, então, tudo o que difere dele é considerado uma ruptura ou oposição. Isto ocorreu principalmente a partir do Renascimento, período em que as manifestações artísticas passaram a ser reconhecidas como produto intelectual e racionalizado, distante do artesanal e operário. Então a norma difundida a partir dali era considerada “Clássica” e tudo o que não se parecia com ela, era considerado rude, precário, bárbaro.

Assim os estilos não Clássicos como foram identificados o Gótico, o Bizantino, o Maneirismo, o Barroco, o Rococó e outros tantos que vão ser nomeados ao longo da história são considerados inferiores ao Clássico, portanto, menos relevantes. Contudo esta visão preconceituosa acabou por se instaurar e se consolidou na História da Arte. Assim ocorreu mais tarde com o Impressionismo, o Fauvismo, o Cubismo que, originariamente eram nomes pejorativos, se tornaram nomes de movimentos importantes da Arte Moderna. Nada como um depois do outro...

Contudo, voltando aos primeiros tempos da humanidade, não se sabe, de fato, como era a vida do ser humano na Pré-história nem como a Arte surgiu, mas é possível ter uma ideia das condições de vida naquele período a partir de pesquisas arqueológicas e também por meio da Arte, mas para uma visão aproximada, pode-se usar um fragmento inicial do filme “2001: Uma Odisseia no Espaço” que simula alguns momentos daquele período, basta acessar o endereço abaixo e assistir:



<https://www.youtube.com/watch?v=ypEaGQb6dJk&t=32s>

Esta sequência audiovisual foi retirada do filme ***2001: Uma Odisseia no Espaço***, produção cinematográfica de ficção científica dirigida por Stanley Kubrick a partir do texto de Arthur C. Clark em 1968. O tema principal é o surgimento e desenvolvimento humano. Mostra o início da Era Paleolítica e destaca a transformação de materiais em ferramentas, recurso que deu ao ser humano a possibilidade de se tornar agente ativo na natureza e na cultura.

Discute o existencialismo, tecnologia, inteligência artificial e vida extraterrestre. A produção é eficiente em relatar, por meio de efeitos especiais e com grande realismo uma nova estética que investe imagem por meio de efeitos visuais, reduz os diálogos e amplia os efeitos sonoros incidentais e musicais alterando o uso das técnicas narrativas tradicionais do cinema, ampliando o conceito de Audiovisual.

O conhecimento sobre os primórdios dos seres humanos depende, em parte, das pesquisas arqueológicas que, ao recolherem vestígios dos primeiros grupamentos, possibilitam inferir dados e tentar compreender como viviam e se comportavam.

Tais pesquisas também olham para as imagens criadas por eles naquela época.

Portanto, é possível dizer que a Arte foi uma das primeiras manifestações humanas e, por meio dela, pode-se conhecer um pouco mais do que fomos ou somos...

Por isso, esta disciplina toma como ponto de partida as ocorrências imagéticas produzidas naquela época e, a partir delas, acompanhar o percurso da História da Arte até a atualidade.



A caverna Bruniquel, localizada na França no vale de Aveyron contém as primeiras marcas da presença e intervenção espacial humana que consiste no corte e deslocamento de estalagmites dispendo-as em formatos não naturais, chamados de "spéléofacts". Quem sabe fosse um lugar para a reunião e compartilhamento?



Sala na caverna Bruniquet, com estruturas datadas de aproximadamente 176.500 anos. Observa-se uma espécie de círculo e, nele foram encontrados vestígios de queima, o que pode indicar a presença de fogueiras, portanto reunir-se em torno dela podia ser um momento para aquecer o corpo e talvez um momento de reflexão sobre sua existência.



Os detalhes de estalagmites com vestígios de carbonização sugerem a existência de fogueiras em tempos remotos.

Imagem e Arte Visual

O termo ARTE, segundo o dicionário da língua portuguesa é:

substantivo feminino que pode se entendido como:

- 1.habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional.
- 2.conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos; técnica.

Estas definições excluem as questões de caráter estéticos e conceituais de como a Arte é entendida no contexto atual.

Outro entendimento de Arte é como um Substantivo Adjetivado, que caracteriza seu uso inadequado e que tem sido comum na fala cotidiana. Por exemplo:

Como produzir sua Arte?

Como vender sua Arte?

Nesse sentido é uma aplicação limitada e se refere a ela como uma espécie de produto realizado com fim comercial. Enfim, lidar com o entendimento e compreensão do que é ou pode ser Arte é a finalidade desta disciplina.

Quando se trata de Arte Visual, *a priori*, está implícito que se trata de algo acessível por meio do olhar. Obviamente que as manifestações que foram ocorrendo na Arte Visual não excluem o acesso por outros sentidos, embora o visual seja o motivador, o “gancho” ou o “gatilho” que mobiliza a atenção para a observação, apreciação e análise.

Logo é comum acreditar que a Arte Visual, por sua ocorrência, permanência e acessibilidade, acabou sendo uma espécie de “embaixadora” de outras manifestações artísticas. Embora seja injusto, quando se fala em Arte, parece que se fala apenas em Pintura, Escultura e Desenho e não em Música, Teatro, Dança, Literatura ou Audiovisual. O mesmo acontece quando se fala em História da Arte, parece que o termo Arte se transformou num sinônimo de Arte Visual. Então vamos falar um pouco de Imagem.

***“Imagem é uma
configuração visual
geradora de sentido”.***

Toda configuração visual é
imagem mas nem toda
imagem é Arte Visual.

Esta é uma questão que
deve ser levada em conta
quando discutimos Imagem
e Arte Visual.

A apreensão
sensível/perceptiva visual
do ambiente depende dos
olhos como a Luminosidade
e de outros fatores como o
modo de se compreender o
entorno, a Espacialidade e o
deslocamento dos corpos e
coisas no espaço, o
movimento ou
Temporalidade.

A capacidade perceptiva humana conta com sensores de qualidades estésicas: sejam luminosas, sonoras, táteis, olfativas ou gustativas quando consideramos os cinco sentidos como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar que dependem dos órgãos dos sentidos: os olhos, os ouvidos, a pele, o nariz e a boca. Eles são capazes de “traduzir” as sensações estésicas/sensoriais do meio em sentidos para identificar e compreender.

No campo das imagens o mais relevante é a Visão e os modos como se constrói a Visualidade.

As imagens que o organismo cria por meio da absorção das informações luminosas do meio no cérebro humano são realizadas por meio de estratégias visuais e tais estratégias são motivo de estudos especializados. Tais estudos foram, historicamente, realizados no campo da chamada Psicologia da Percepção, depois num de seus ramos: a Psicologia Gestalt.

A Psicologia da Gestalte se tornou a Teoria Gestalt, ou Teoria da Forma ou das Configurações e surgiu a partir dos estudos de três autores: Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1940) que chegaram às chamadas “leis da Gestalt” ou teoria da “boa forma”. Tais leis ou teorias consideram que o cérebro, para reconhecer ou dar “forma” às coisas segue certas tendências visuais ou, segundo eles, princípios ou leis:

Segundo a *Gestalt*, existem quatro princípios para a percepção de coisas, objetos e formas: a *tendência à estruturação*, a *segregação figura-fundo*, a *pregnância ou boa forma* e a *constância perceptiva*.

Cada um destes princípios é uma explicação dos meios que o cérebro tem para organizar a visão do entorno para produzir sentido ou significação.

A tendência à estruturação nada mais é do que a necessidade de organizar o todo visível para selecionar o que é ou não importante observar. Não se olha tudo, mas se organiza o todo e se destaca o mais importante, relevante ou o que se quer ver. *Figura fundo* é a maneira que o cérebro tem de destacar o seu interesse sobre algo em detrimento do restante, uma espécie de organização de Forma X Contra-Forma.

Pregnância é a “força” de atração que algo tem para se destacar do todo, por exemplo: num conjunto de imagens a que se destaca é a que já se conhece ou cujas formas chamam mais a atenção, chamada também de “boa forma” pelas mesmas características. A constância perceptiva se refere às características próprias das coisas, ou seja, um pássaro sempre se parece com pássaro, árvore com árvores e assim por diante, portanto o cérebro se habitua a isto e distingue rapidamente algumas coisas em detrimento de outras.

A Gestalt não explica necessariamente a questão do Movimento e nem há um órgão de sentido dedicado exclusivamente a ele, portanto a percepção do movimento depende de uma associação entre sentidos. Sem dúvida a visão é preponderante, mas não é só a visão que importa, mas também o equilíbrio que envolve a posição do corpo no espaço e dá a sensação de estabilidade a partir da percepção de horizontalidade, verticalidade, diagonalidade e profundidade.

A Teoria da Gestalt, embora tenha sido importante para entender o funcionamento da mente na compreensão das Formas e das Imagens, hoje em dia está em desuso por conta da Neurociência que atua nas investigações intracerebrais e não mais visuais.

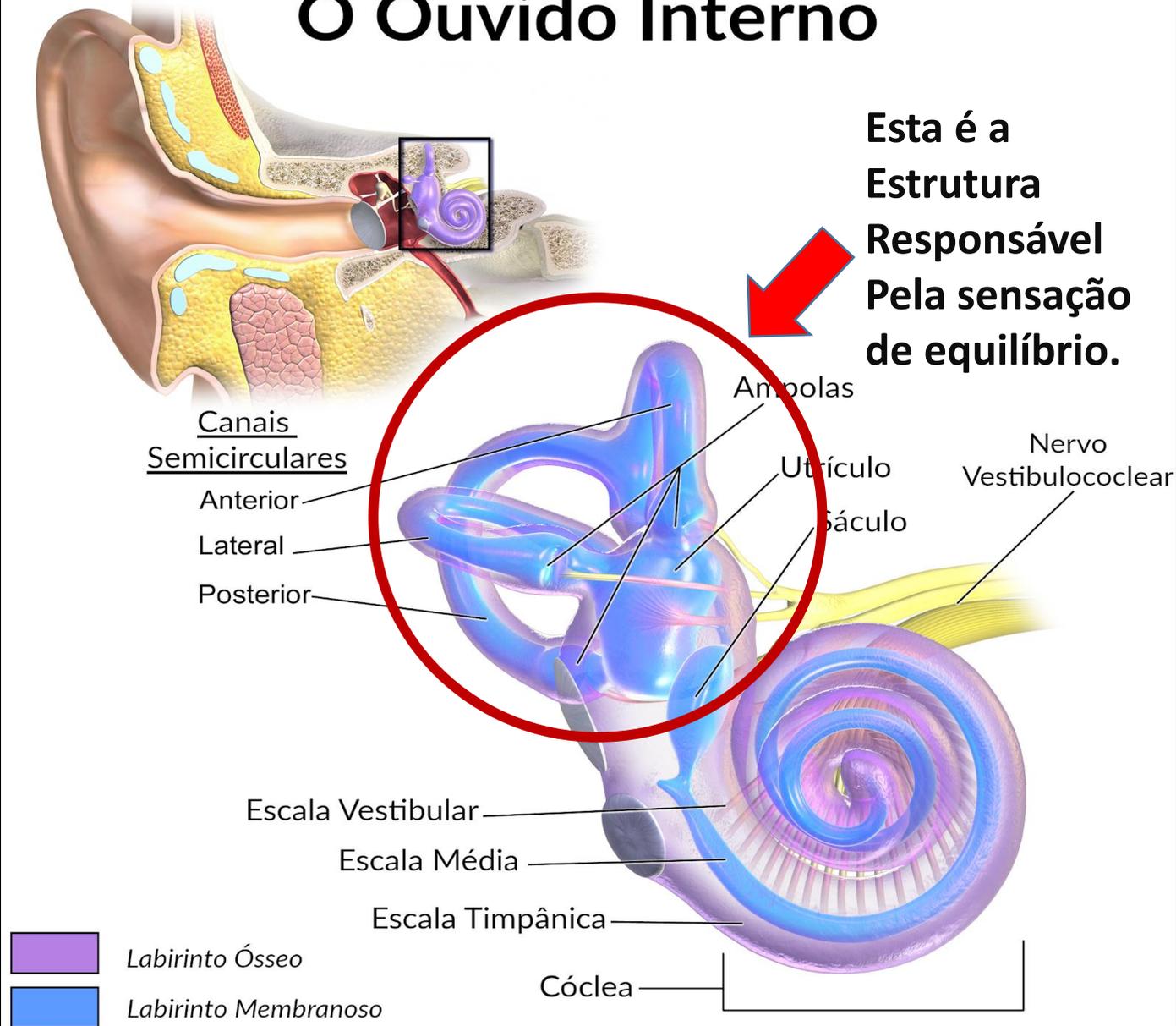
Contudo, a apreensão do Movimento é essencial para a compreensão do meio e das coisas que o constituem.

O Movimento decorre de relações entre: visualização, posição e deslocamento no espaço, ou seja o “deslocamento” de algo que esteja no espaço circundante de alguém ou de alguém que se desloque diante de algo no seu entorno, portanto o movimento não depende apenas de órgãos dos sentidos, mas de algo a mais: o Tempo, ou seja, da apreensão de algo que se move, aqui chamado de Temporalidade.

Para definir a *Posição no espaço* os corpo recorre à estrutura auricular do ouvido interno que possui sensores de nível: o Labirinto. Ele é responsável pela manutenção do equilíbrio do corpo em relação ao espaço, portanto, é capaz de identificar posições em pé ou deitado e quando tais posições são ou estão alteradas.

O Ouvido Interno

Esta é a
Estrutura
Responsável
Pela sensação
de equilíbrio.



Assim é possível caminhar, correr, saltar, movimentar-se com segurança e também perceber alterações espaciais do ambiente.

Deslocando o olhar, o corpo ou acompanhando o deslocamento das coisas no espaço constituímos o que chamamos de Temporalidade.

O que se deduz é que os sentidos atuam simultânea e sincronicamente, ou seja, se quisermos apenas caminhar é necessário associar visão, tato, ouvido/labirinto. Um deficiente visual, usa o tato e o labirinto auxiliado pela audição, na medida em que pode perceber variações sonoras no ambiente auxiliando a localização, como também a sensação de posição como verticalidade e horizontalidade.

Nesta mesma linha de raciocínio é possível considerar que a percepção de movimento também é desenvolvida por associação. Neste caso um tipo diferente de associação, além da visão entra um novo elemento associativo: a ideia de tempo. Neste caso esta ideia se refere à percepção de deslocamento dos corpos e das coisas no espaço, criando a sensação de antes, durante e depois.

Criar imagens, portanto, foi o meio que o ser humano “inventou” e desenvolveu para “recriar”, “ressignificar” o entorno para lidar com o meio, suas crenças e anseios. As imagens fazem parte de sua história e de todas as outras construções culturais que desenvolveu, fossem elas cognitivas, psicomotoras ou afetivas. Isto o diferenciou das outras criaturas e o definiu como “Ser Humano”.

Falar de “invenção” das imagens significa que elas são criações culturais e não naturais. A natureza ou o Mundo Natural não cria ou produz imagens, apenas existe. É a relação dos seres humanos com a natureza que possibilitou a criação das imagens como representações, imitações ou abstrações capazes de conter sentidos e significações que a Natureza desconhece mas a humanidade reconhece.

A abordagem humana do mundo natural ocorre por meio dos sentidos, são eles que “traduzem” a natureza para a compreensão humana. Sem eles as ações e transformações humanas seriam limitadas.

Portanto a capacidade de abstração e criação é que destacam o ser humano de outras espécies e isto, talvez, tenha lhe conferido uma certa arrogância em relação às demais criaturas...

Para criar imagens foi necessário desenvolver domínios de caráter cognitivos e psicomotores, ou seja, capacidade de observação e análise e habilidades motoras para transformar informações de caráter visual em coisas, formas e objetos. Assim nasceram: o desenho, a pintura, a escultura e as incisões que, até hoje, são encontradas pelas pesquisas arqueológicas na face da terra.

Os desenhos, as pinturas, as incisões, modelagem e esculturas que surgiram desde os primeiros tempos da humanidade dependiam de habilidades cognitivas e manuais e observar, imitar, reproduzir ou criar imagens artificiais que podiam se assemelhar ou não com aquilo que viam e conviviam no ambiente.

Não se sabe como o processo de invenção ou criação de imagens começou, apenas que foram realizados a partir do que estava disponível no ambiente. O carvão, os minerais, gordura, seiva vegetal, dejetos animais, tudo isto serviu para configurar imagens fosse na superfície, nas paredes das cavernas, em ossos, argila ou madeira, enfim, o que encontrava no meio e “imaginava” ser passível de transformar naquilo que via no meio ou intuía em sua mente.

A visualidade percebida do mundo natural não está pronta, possui formas, cores, texturas, volumes, densidades, distâncias, movimentos etc. Entretanto não é possível traduzir ou converter tudo isto em imagens, para realizar uma dada configuração visual há que se fazer escolhas: privilegiar alguns aspectos ou efeitos e deixar outros de lado. Estas escolhas vão definir o que se chamou Arte e que hoje chamamos de Poéticas.

Talvez tenha sido a simples observação dos rastros de animais que perseguia que despertou a ideia de representação, ou seja, a memória retida, impressa das patas de um animal no chão levou à dedução de que seria capaz de inscrever suas marcas no ambiente, fosse de suas próprias mãos ou os gestos delas decorrentes. Assim pode ter surgido o desenho, a pintura e os demais meios de expressão chamados e de Arte e que, ainda hoje, são recursos criativos para a criação de imagens.



As imagens pré-históricas foram produzidas mediante estratégias discursivas tradicionais como estas:

Pode-se dizer que o Desenho privilegia o contorno, o gráfico, em detrimento do volume. A escultura privilegia o volume em detrimento do desenho e da coloração. A pintura privilegia a cor, o desenho e não o volume. Enfim, as primeiras imagens foram construídas em superfícies ou em volumes nas quais eram destacadas as substâncias mais adequadas à sua configuração. Então há imagens bidimensionais e tridimensionais, mas não em movimento.

As imagens eram *artesanais*, feitas pela mão humana, e dependiam das habilidades de apreender as aparências do meio e da tentativa de reproduzi-las com maior, menor ou nenhum grau de proximidade ou aparência daquilo que viam.

As primeiras imagens conhecidas e realizadas pelo ser humano se referem, principalmente, a animais. Tais imagens se parecem bastante com certos animais que existem ainda hoje, logo, pode-se perceber a qualidade, a capacidade imitativa, as habilidades manuais e cognitivas que desenvolveram.

Embora seja possível aferir a eficiência com que aqueles seres humanos produziam suas imagens, não é possível saber, de fato, com que fim eram feitas.

Por isso os teóricos e historiadores levantaram algumas hipóteses na tentativa de explicar ou justificar a criação daquelas imagens. Em síntese a melhor explicação é que fazem parte de possíveis rituais criados por eles e estes rituais tinham fins propiciatórios.

Adotando tal entendimento, não há que se pensar em Arte como hoje em dia, tampouco como ornamentação, decoração ou registro. Mas é possível também pensar que tais imagens eram feitas pelo simples fato de que eram capazes de realiza-las e isto poderia estimulá-los a fazê-las. Ao mesmo tempo pode-se pensar quem as fazia: eram os homens ou as mulheres?

Ao observar suas realizações pode-se inferir quais as motivações que os estimulavam e, a partir daí, tentar entendê-lo e compreendê-lo um pouco mais a respeito de seu comportamento e de sua índole.

O ser humano é um ente social e, portanto, depende dos demais para sobreviver, dentro e fora de seu grupo.

Muito daquilo que realiza produz *efeitos de sentido* junto ao seu grupo, seja para comunicação interpessoal ou coletiva.

Como não há registros de qualquer outro meio de interação ou comunicação entre os seres humanos da pré-história, diz-se que a Arte é a primeira manifestação interativa criada pela humanidade. Embora o que se chama de Arte hoje em dia não corresponda necessariamente ao que os motivou a produzir as primeiras imagens, mas pode-se dizer que as *estratégias discursivas, técnicas ou conceituais*, usadas para produzi-las ainda estão presentes no contexto da Arte Visual como recursos técnicos e expressivos.

Por isso chamar de Arte às imagens produzidas pela humanidade ao longo do tempo não é muito estranho, pois desenhos, esculturas, pinturas, incisões e outros modos de configurar a Arte Visual ainda fazem parte do contexto estético da Arte como a vemos hoje em dia. Assim, por inferência, chamamos as imagens produzidas desde então de Arte.

Obviamente as imagens chamadas de Arte desde os primeiros tempos da humanidade não atendem exclusivamente ao que entendemos atualmente por Arte, mas se aproximam disso e por falta de uma melhor compreensão do contexto, vamos considerar que a História da Arte revela as transformações plásticas, estéticas e conceituais daquilo que chamamos Arte Visual hoje em dia.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos>

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte – Introdução: sobre arte e artistas, p. 6 a 18.

HODGE, Susie. Breve História da Arte – Introdução, p 6 a 8.

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais>

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

<https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#> =

Questões sobre este tópico e suas leituras:

- 1) *Qual é a posição de Gombrich em relação à beleza de uma obra e de seu tema e entre gosto e beleza?*
- 2) *O que Gombrich fala em relação a “regras”?*
- 3) *Como Hodge define “Movimentos” e “Temas”?*
- 4) *Descreva o que foi dito sobre: Estilo, Escola, Movimento, Tendência, Poética, Gênero e Tema neste tópico.*
- 5) *Como Imagem e Arte foram definidas neste tópico?*